

IDENTIDADE E A INVALIDAÇÃO DO CORPO LÉSBICO: MULHERES LÉSBICAS QUEREM TORNAR-SE HOMENS?

*Eixo Temático: Práticas Corporais: Diálogos com Gênero, Corpo e
Sexualidade*

*Luana Medeiros de Sá Lucas ¹
Jeferson Camargo Taborda ²*

RESUMO

A presente pesquisa pretende analisar os discursos que afirmam o desejo de mulheres lésbicas se tornarem homens, a fim de compreender quais marcadores corporais se fazem presentes nos discursos heteronormativos e como eles se organizam. Tem-se como foco de interesse a busca por produzir novos sentidos para corporalidades na própria comunidade LGBTQ+ e compreender como as exigências heteronormativas são atravessadas nesse processo. A discussão sobre o processo identitário e corporal será realizada a partir da perspectiva cartográfica, recurso metodológico que utiliza de meios plurais, abertos e multidimensionais. Trata-se de uma pesquisa de dissertação em andamento que tem como método a abordagem qualitativa e entrevista semiestruturada aplicada ao mapeamento dos afetos.

Palavras-chave: Identidade; Corpo; Lésbicas.

¹ Graduanda do Curso de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS, luamslucas@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco- UCDB, jeferson.taborda@ufms.com

INTRODUÇÃO

O termo sexualidade emerge em meados do século XIX com o intuito de demarcar outros fenômenos, de maneira contrária a somente modificações de terminologias. Diversos aspectos foram levados em conta, como a inovação de normas, desenvolvimento de áreas de conhecimento variados e essencialmente mudanças na forma com que cada sujeito valoriza seus sentimentos, condutas, objetivos, prazeres e desejos (FOUCAULT, 2007a). Por conseguinte, as áreas de conhecimento passaram a elaborar leis que direcionam a sexualidade humana, influenciando a forma com que ocorre o processo de subjetivação e até mesmo de que jeito o indivíduo deve viver seus prazeres sexuais e desejos (FOUCAULT, 2005).

Partindo desse pressuposto, o processo de sexualidade e identidade de gênero possui embasamento em traços ditos como masculinos ou femininos de acordo com os discursos médicos, políticos ou judiciários, que buscam estabelecer o certo e errado, anormal e normal. Um exemplo desse pressuposto é o caso de Herculine Barbin, que ainda no século XIX, se suicidou após ser legalmente obrigada a trocar de sexo, por ter nascido com “sexo indeterminado” ou seja, com traços corpóreos que causavam dificuldade na determinação de binarismo de gênero (WEEKS, 2000).

As formas de singularização da vida são reprimidas por regras de convivência estabelecidas. Por isso, os espaços são resultados de produções subjetivas marcadas pelo contexto inviabilizador. O meio social torna-se lugar de prova ao corpo LGBTQ+, que a partir da vivência em uma cidade heteronormativa depara-se com rejeição a diferenças identitárias que buscam moldar subjetividades. Consequentemente, o corpo LGBTQ+ no meio social age como denúncia às institucionalizações que buscam controlar a vida em variadas dimensões (DELEUZE & GUATTARI, 1996).

Isto posto, as minorias, ou aqueles que se encontram nos níveis mais baixos da pirâmide, ao estarem envoltos em processos fundamentalmente heterossexuais que homogeneizam o erotismo, sensualidade, corpo e sexualidade, perdem suas características subjetivas quanto à vivência humana e social. Os impactos da anulação da subjetividade, partindo das normas regulamentadoras de poder, influenciam diretamente na realidade do público LGBTQ+, visto que as políticas de hierarquização não somente agem sob as expressões do corpo, mas também sob locais frequentados e vestimenta (MORAES, 2013).

No que tange a vivência de mulheres lésbicas, é possível observar a invisibilidade dessa existência, que contam primeiro com a desqualificação de mulheres, advindas de uma ordem majoritariamente masculina e segundo com a desvalorização de sua orientação sexual partindo da primazia heterossexual. Assim, o modo de existir de mulheres lésbicas vão contra ao modelo binário de gênero e sexualidade (SWAIN, 2000).

Mulheres lésbicas que se transpuseram ao modelo de feminilidade tradicional, expressando características consideradas como masculinizadas são frequentemente marginalizadas. Isso porque ao rejeitar o tradicionalismo de gênero a mulher lésbica passa a ser considerada como um sujeito fora da ordem “mulher”, que inclusive é indagada sobre um possível desajuste de hormônio, formas corporais e genética. Além disso, os fatores sociais também são elencados como maneira de justificar o viver lésbico, como por razões familiares desestruturadas ou até mesmo possível abuso sexual na infância (SOUZA, 2012).

Portanto, ao analisar a quebra de paradigmas de mulheres que performam gênero distante ao padrão de comportamentos, vestuários ou condições estéticas, tem-se como foco de interesse a busca por produzir novos sentidos para corporalidades na própria comunidade LGBTQ+ e compreender como as exigências heteronormativas são atravessadas nesse processo.

O objetivo geral é compreender como se constitui a identidade corporal de mulheres lésbicas, analisar os discursos que afirmam o desejo de mulheres lésbicas se tornarem homens, a fim de interpretar quais marcadores corporais se fazem presentes nos discursos heteronormativos e como eles se organizam. O interesse por este estudo tem por referência a experiência pessoal como sendo uma mulher lésbica que busca conhecer novos sentidos acerca de sua própria comunidade LGBTQ+ e as vivências nesse processo.

Essa discussão será composta por estudos que abordem os contextos sociais, históricos e culturais como constituintes da identidade corporal a partir da cartografia, que tem por objetivo possibilitar o reconhecimento das relações de forma que descreva a subjetividade envolta nos poderes e saberes dos discursos elencados, justificando variados novos pontos de vista de acordo com os encontros ocorridos. Tem-se, então, a análise dos processos e não meramente do objeto, a fim de que ocorra a investigação e ademais, a produção de conhecimento.

2.1 Método

A cartografia aqui descrita está diretamente ligada às ciências humanas, sociais e mais do que mapeamento, busca traçar movimentos, jogos de poder, relações, conflitos, modos de subjetivação, objetivação e estetização. Não diz respeito aos territórios e sim às relações e forças que se entrelaçam no espaço, tempo e métodos de Foucault, ligados à metodologia do saber, poder e subjetividade. Dessa forma, os pressupostos filosóficos da cartografia buscam refletir sobre uma realidade que parta de dispositivos inovadores. Para além dos apresentados nos discursos científicos, ocorre a valorização daquilo que se movimenta nos intervalos, como potencial forma e criação de realidade (DELEUZE & GUATTARI, 1996).

O cartógrafo enquanto pesquisador, contrária à concepção de investigações acerca do mundo das essências, direcionará as perguntas ao processo, visto que se entende o sujeito como autor e compositor da realidade, enquanto cartografa. Cabe ao investigador, diferentemente do método de pesquisa positivista, que mantém a distância entre o campo e o pesquisador, estar envolto no processo de busca de forma que não esteja distante e neutro quanto aos caminhos percorridos. Dessa forma não há apenas a coleta de dados e sim a produção, que tem como condição o envolvimento no curso da exploração (COSTA, 2014).

O presente estudo se ancora na pesquisa qualitativa, permitindo dizer que tal abordagem, nesse projeto, enquanto exercício de pesquisa não se apresentará como rígido e estruturado e sim com a possibilidade da imaginação e criatividade que leve à proposição de trabalhos que almejem novos enfoques. A partir disso o enfoque parte do pressuposto de interpretação do sentido da comunicação, inclui a busca pela significação (GODOY, 1995).

Neste enfoque, a entrevista como meio da pesquisa qualitativa, tem em seu sentido geral uma ampla rede de possibilidades de comunicações verbais, sendo a estratégia mais utilizada nos processos dos trabalhos de campo. É uma oportunidade de diálogo aplicada ao mapeamento e compreensão do mundo através dos respondentes da pesquisa, por isso, propicia materiais para uma melhor compreensão detalhada dos valores sociais, motivações, crenças e atitudes (MINAYO, 2008).

2.2 Participantes da pesquisa

Para a pesquisa de dissertação em questão, serão elencadas mulheres que se denominem lésbicas, independente do gênero, raça com que se identifique ou classe social em que pertença. Pretende-se selecionar mulheres a partir de 18 anos, sem limitação da maioridade, haja vista que a possibilidade de identificações e pertencimentos é contínua.

Não haverá limitação de residência das respondentes, visto que as entrevistas acontecerão via Google Meet, plataforma que garante o sigilo dos dados e assegura uma maior flexibilidade para a conversa, sem a necessidade dos gastos com locomoção e disposição de tempo. Dessa forma, será necessário que tanto para que a entrevistada tenha conhecimento da pesquisa e posteriormente contribua com suas vivências, tenha acesso a internet. Ainda, as informações respondentes serão preenchidas virtualmente em computador de uso pessoal da própria entrevistadora.

Será divulgado um convite via Redes Sociais, pelo Twitter, WhatsApp e Instagram. Às interessadas, caberá o contato com a pesquisadora via telefone particular, que passará maiores informações acerca das condições de participação. Antes do primeiro encontro, será enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e solicitado a leitura, assinatura e envio em formato PDF para a pesquisadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a revisão de literatura em questão foram definidas as palavras-chave Cartografia, Lésbica e corpo. Os critérios de inclusão dos estudos foram artigos escritos em português, publicados nos últimos treze anos, de 2010 a 2022, indexados nas bases de dados Periódicos Eletrônicos em Psicologia – PEPSIC, Scientific Electronic Library Online – SCIELO, Portal de Periódicos da CAPES e Google Acadêmico e que apresentassem em sua discussão considerações sobre o corpo lésbico masculinizado e os discursos ali postos.

As áreas de estudo que apareceram com a pesquisa foram: Psicologia (12) Feminismo (7), Gênero (4), Sexualidade (4), LGBT (4), Subjetividade (3), Educação (3), Cultura (1), Artes Visuais (1), Sociologia (1), Corpo (1), Letras (1). A busca para coleta de dados deu-se no período de março a junho de 2022. Ao todo, foram encontrados 42 artigos, dos quais foram 27 selecionados e 15 descartados. Quanto ao critério de exclusão dos escritos, foram descartados aqueles que não cabiam ao tema de pesquisa ou que tivessem sido escritos em outro idioma senão o português.

Até o presente momento foi possível constatar que não é compatível afirmar a ideia de que o meio social estaria, durante toda a vida do sujeito, em busca de controle da energia natural, a fim de romper com uma ordem sexual liberal. É possível dizer que os argumentos centrais ignoram a concepção de que a sexualidade deve vir a ser como um aparato histórico, que foi desenvolvido como participante de uma rede de regulações sociais que organizam e modelam os corpos e seus comportamentos. A sexualidade não poderia ter seu funcionamento como contrária ao poder uma vez que nasceu envolta nos modos pelos quais atuam (FOUCAULT, 1979).

Por isso tem-se a necessidade de, a partir de concepções binárias de gênero, acerca do feminino e masculino e suas implicações quanto a sexualidade, investigar e desconstruir tendo como ponto de partida seus fundamentos. O gênero é uma área primária no qual através de suas discussões, tem-se o poder como forma de articulação, conforme (FOUCAULT, 2006).

Todavia, a lógica da censura está envolta no modo em que o sujeito se coloca para o social, visto que a unidade como dispositivo descreve o poder sobre o sexo em diversos níveis, sejam eles baixos ou altos, em decisões gerais ou individuais, não cabendo as instituições que ajam de maneira diversa e sim unificada. Da família ao Estado, encontram-se diversas formas de poder que se utilizam do mascaramento de si mesmo como única fonte possível de poder como tolerável (FOUCAULT, 1988).

Dentre os aspectos hegemônicos postos pelo meio social, a minoria LGBTQ+ está inserida na universalização dos corpos, através dos padrões aqui elencados, que contam com corpos brancos, heterossexuais, de elite, magros e que se vistam de maneira ocidental, de forma a organizar os corpos em uma lógica binária entre homem e mulher que levam como inexistente as produções históricas singulares do sujeito ou do grupo social (MORAES, 2013).

As violências heterogêneas envoltas nos dados de violência contra LGBTQ+ contam com históricos familiares, escolares, policiais e trabalhistas que, neste cenário, utilizam-se de valores heteronormativos que estigmatizam as diversas formas de experienciar a sexualidade. Assim, tais valores construídos permanecem como hegemônicos e estratégicos com o intuito de erradicar as minorias elencadas considerando estereótipos de gênero binários no que tange a indagação de identidade de gênero à mulheres lésbicas que não performam feminilidade (AMARAL & TONELI, 2013).

Dessa forma, é necessário que se pense o sujeito LGBT+ e suas subjetividades partindo do pressuposto da sexualidade e gênero, advindas de um processo binário entre homem e mulher. Sendo então uma questão envolta de características políticas e sociais, não somente como algo natural, mas formada por redes de discursos que prezam pela hegemonia de poder e escassez de subjetividades minoritárias.

Ainda, é importante salientar que a estigmatização dos corpos e consequentemente em suas variadas identidades, possuem cunho social em sua formação, logo, não há possível intervenção sem que haja a fundamentação teórica dos marcadores sociais, raciais, econômicos e geográficos e ainda, a investigação dos discursos encontrados no público elencado como objeto de pesquisa, a fim de produzir e envolver-se durante a exploração do tema.

Portanto, conclui-se que alinhado ao objetivo da reflexão inicial da dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pode-se compreender de que maneira, qual percalço teórico, e quais implicações das relações de poder Foucaultiana quanto a vivência e a não vivência da população LGBT+.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. S., TONELI, M. J. Sobre Travestilidades e Políticas Públicas: Como se produzem os sujeitos da vulnerabilidade. In: **Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: Sulina, 2013

COSTA, L. B. **Cartografia**: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital Do LAV*, 7(2), 066–077. 2014

DELEUZE G, GUATTARI F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996

FOUCAULT, M. Diálogo sobre o poder. In: **Estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 13º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2007^a

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2005



GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**. São Paulo, v.35, n.3, 1995, p.20-29.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

Souza, E. **Interseções entre homossexualidade, família e violência**: relações entre lésbicas na região de Campinas (SP). *Sociedade e Cultura*, 15(2), 297-308. 2012.

Swain, T. N. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Editora Brasiliense. 2000

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.